

A África, com seus muitos povos e muitas culturas, é o continente onde o destino trágico que tem marcado a raça humana se nos apresenta com sua máscara ao mesmo tempo mais bela e mais horrenda. Terra fundante, terra matriz, terra onde se encravam as raízes corporais e álmicas da humanidade, reconhecido berço de todos nós, a África tem sido também o mais desprezado, o mais ferido, o mais deserdado de todos os continentes. Ali a civilização humana tem ido buscar imensas riquezas materiais e simbólicas para construir sua grande obra mas ali também se encontram os mais famintos de pão e justiça da história do mundo. É nesse cenário em que tem se debatido o mais recente gênio africano. Aquele que no saber, na arte, na política, na manifestação abundante de vigor e de amor à vida têm conseguido rasgar a película perversa da apatidão, aquele que tem conseguido gritar e ter seu grito ouvido pelos quadrantes da terra, este tem sido o gênio, este tem sido o herói africano contemporâneo.

Fela Anikulapo-Kuti, músico a quem tive o privilégio de conhecer em seu "pagode", num quarteirão animado de Lagos, numa noite em que se encontrava ali, também em visita, o grande Steve Wonder, durante o Festival Internacional de Artes Negras, em 1977, foi um desses gênios a encarnar essa dimensão trágica da África. Profundamente dilacerado pela contradição entre negar uma herança de submissão e afirmar um novo destino de libertação para sua terra e sua gente, Fela veio a produzir uma obra de folego incomparável no âmbito da música internacional do ciclo popular cosmopolita e cosmopolítico da segunda metade do século XX. Arrebatado por uma visão apocalíptica que lhe revelava o quanto de recalque e rendição era necessário fazer explodir pelos ares naquele seu surto de rebelião messiânica; enfeitiçado pelo canto inebriante do lamento negro produzido na diáspora dos escravos desterrados, que lhe trazia de volta a sua própria desesperadora noção de desterro numa África cada dia mais usurpada pelo imperativo neocolonial; dividido entre a consciência de um futuro universal inevitável para a humanidade e a consciência da ameaça patente de negar-se à África um lugar nesse futuro; determinado a resgatar, para o seu próprio povo e para o mundo, o papel instrutor da tradição tribal na construção de uma possível tribo global;

*enfim, de posse daquela corneta saxônica, o saxofone, que lhe remetia aos antepassados pastores e guerreiros, Fela pôs a balançar, no embalo dos seus improvisos musicais e repentes poéticos, todo o quarteirão, toda Lagos, todo morro, toda bidonville, toda shantitown em todo o planeta negro. Hoje, passado algum tempo do seu desaparecimento é chegado o tempo do reconhecimento. Um reconhecimento adicional ao já conferido pela atenta e reverente audição cada vez mais dispensada à sua música. Um reconhecimento, propiciado pela análise acurada e a tomada em perspectiva intelectual mais ampla, daquilo que foi Fela e a sua obra.*

*Este livro está entre os trabalhos que buscam cumprir essa missão. No momento em que todos nós, em todo o mundo, nos dispomos ao esforço maior – e final, quem sabe - de estabelecer o legado humanista possível para as novas configurações futuras da humanidade pós-humana, é indispensável dispor dos livros que confirmam a esse esforço o real caráter de legado. Um livro que possa nos dizer agora, e dizer logo mais aos construtores da pós-humanidade, o que foram, como foram, e o que nos deram os homens de passado recente como Fela Anikulapo-Kuti.*